

## **Fragmentar o futuro para fazê-lo possível: a proposição *cosmotécnica* de Yuk Hui)<sup>1</sup>**

**Gabriel Guarino de Almeida**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 220 p.

*Tecnodiversidade* é o primeiro livro de Yuk Hui traduzido para o português. A edição brasileira, publicada pela Ubu, de São Paulo, fora lançada em sincronia com a argentina, editada pela Caja Negra, de Buenos Aires, trazendo ao público latino-americano o pensamento de um filósofo que transita pelos campos do pensamento, numa tarefa de criar conceitos para outros mundos possíveis. O título da edição em espanhol, *Fragmentar el Futuro*, põe em evidência um objetivo já traçado no prefácio, que se insere em debates urgentes: o futuro das formas de vida no Antropoceno, a ascensão neorreacionária, a despolitização operada com o avanço tecnológico, o pretense ‘perigo chinês’ e o ‘fim’ do Iluminismo.

Reunindo uma série de ensaios que têm em comum a centralidade do conceito de *cosmotécnica*, o livro pode interessar tanto a cientistas sociais quanto a educadores, tanto a pesquisadores da questão climática quanto a artistas interessados em filosofia chinesa (e aqueles que, como o resenhista, percebem uma ligação íntima entre todos esses assuntos).

### **O autor**

Yuk Hui (許煜, cuja pronúncia aproximada do cantonês seria ‘iuk rói’) é um filósofo nativo de Hong Kong, cuja carreira acadêmica é tão nômade quanto seu pensamento: após estudar engenharia de computação na Universidade de Hong Kong (2003), realizou um mestrado em estudos culturais, no Goldsmiths College (2007), em Londres, onde seguiu e se doutorou em filosofia, sob orientação do prof. Bernard Stiegler<sup>2</sup>. O fruto desta orientação é sua tese,

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> O nomadismo de Hui é narrado por ele em entrevista a Rafael Toriz, publicada na pelo Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602655-um-pensamento-nomade-entrevista-com-yuk-hu>. Acesso em: 14 jun. 2021.

defendida em 2011 e publicada em 2016, intitulada *On the existence of digital objects* ('Da existência de objetos digitais', essa e as seguintes sem tradução para o português).

Trabalhou como pesquisador em pós-doutoramento na França e na Alemanha, período em que publicou também: *The question concerning technology in China: An essay in cosmotecnics* (2016, 'A questão sobre a tecnologia na China: ensaio sobre a cosmotécnica') e *Recursivity and contingency* ('Recursividade e contingência', 2019).

Sua produção, que poderíamos chamar de filosofia da tecnologia, dialoga diretamente com Martin Heidegger, Gilbert Simondon, Bernard Stiegler, Immanuel Kant, François Jullien e Mou Tsung-San, assim como autores conhecidos pela "virada ontológica", como Eduardo Viveiros de Castro, Philippe Descola e Tim Ingold.

Em 2014, Yuk Hui iniciou a *Research network for philosophy and technology* ('Rede de pesquisa em filosofia e tecnologia'), composta por pesquisadores de vários países e que desenvolve eventos, publicações, residências artísticas e iniciativas multidisciplinares. Hoje, Yuk Hui é professor na Universidade da Cidade de Hong Kong.

O livro *Tecnodiversidade* é composto por escritos publicados em língua inglesa, entre 2017 e 2020, onde ele debate questões que vão da onda neoconservadora à pandemia do coronavírus, fazendo uso dos conceitos filosóficos que desenvolve ao longo de sua carreira. A edição do livro faz parte do movimento de troca ocasionado pela vinda de Yuk Hui ao Brasil, em 2019, quando participou de uma série de eventos em torno do Instituto Tecnologia e Sociedade (ITS), no Rio de Janeiro.

Nas conversas com o público brasileiro<sup>3</sup>, podemos ver o esforço de Yuk Hui em abrir possibilidades de investigação a partir dos conceitos de *tecnodiversidade* e *cosmotécnica*, chamando a atenção para o fato de, apesar da primazia da tecnologia em nossas vidas, pouco pensarmos sobre como as elas são expressões de um modo de um pensamento localizado na Europa, que

---

<sup>3</sup>. É possível encontrar vídeos referentes à ocasião das conversas entre Hui e o público brasileiro, nas quais o assunto central fora "a possibilidade de uma filosofia pós-europeia". Ver "Conferência Após o orgânico | Yuk Hui" (novembro de 2019), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xZWkTbIhNj8&t=891s>. Acesso em: 13 out. 2021.

se impôs sobre todos os lugares do mundo a partir da modernização por via da colonização.

Sua filosofia quer mostrar como a noção de Tecnologia – tomada em maiúscula singular, dado inevitável do avanço da civilização ocidental – não é neutra nem inofensiva e, ao realizar processos técnicos, materializa e produz modos de conhecimento e formas de se viver – chave para compreensão e superação das crises em que vivemos.

### **Os conceitos que opera**

Antes de apresentar cada capítulo do livro, pode ser útil situar o leitor no que Yuk Hui quer dizer por *técnica* e *processos técnicos* – apenas para que possamos perscrutar melhor seu argumento. Do ponto de vista de sua obra, *técnica* pode ser inicialmente compreendida como algo

antropologicamente universal no processo de hominização – a compreensão do humano como uma espécie em função da exteriorização da memória e da superação da dependência dos órgãos. Por meio de desenhos e da escrita, seres humanos exteriorizaram memórias e sua imaginação; ao descobrirem o fogo, os antigos livraram os dedos de uma série de atividades. Não rejeitamos a noção de que há uma dimensão universal na tecnologia, mas essa é apenas uma delas. (HUI, 2020a, p. 89)

Hui sublinha a relação entre técnica, lugar (geográfico, mas também temporal) e cosmologia (podemos dizer: a forma como um grupo organiza e percebe o mundo ao seu redor), enfatizando o problema de se tomar qualquer técnica como algo de valor e uso *universais*:

De minha parte, proponho abordar a técnica a partir da ideia de ‘fragmentação’. Trata-se de buscar a ‘localidade’ da técnica frente ao mito de sua universalidade. O desenvolvimento de uma tecnologia como os pesticidas, por exemplo, é revelador da lógica totalizadora da qual falava: baseia-se na ideia de que um mesmo produto pode eliminar todos os insetos de uma mesma espécie pelo fato de que compartilham a mesma estrutura bioquímica. No entanto, os efeitos dos pesticidas dependem do ar, do tempo, do clima etc., de modo que, de fato, é impossível utilizar da mesma maneira os pesticidas em todas as partes. Este exemplo mostra a necessidade de derrubar a lógica universal. Isto é o que pretendo buscando a ‘localidade’ da técnica, que a inscreve em uma realidade mais ampla que ela. (HUI, 2020b, edição *on-line*)

O mundo pretensamente homogêneo do capitalismo global é o primeiro alvo do livro *Tecnodiversidade*, que em quatro dos seus sete ensaios se debruça diretamente sobre o fantasma da “singularização” tecnológica. Yuk Hui propõe o conceito de *cosmotécnica* como forma de evidenciar a unificação de um *sujeito*

de conhecimento e uma *ordem moral*, por meio de processos técnicos. Trata-se de descortinar o papel supostamente neutro das tecnologias – algo cada vez mais evidente em tempos de *feeds*, *timelines* e *stories*, quando vemos nossos hábitos mais íntimos moldados pelo *ethos* dos aplicativos. Boa parte da agenda de pesquisa de Hui é destinada a demonstrar como a tecnologia que conhecemos hoje como *universal* trata-se, em verdade, de uma série de processos técnicos imposta/exportada por meio da globalização como universalização da epistemologia europeia.

Crítico sagaz da China e estudioso profundo de suas tradições filosóficas, Hui recorda a aposta que vigorou entre intelectuais chineses no século passado: de que seria possível importar a tecnologia ocidental, sem com isso ter que importar sua forma de vida e pensamento, numa crença instrumental do processo tecnológico como mera exteriorização. O conceito de *tecnodiversidade* vem propor justamente que nenhuma técnica é alheia aos modos de conhecimento e produção da vida, pois são mutuamente implicados. Por isso, assim como falamos de biodiversidade, é possível pensar em uma *tecnodiversidade*, tomando a “diferença tecnológica” como de modo, e não de grau. Seu projeto é poder abrir caminho para um mundo onde possamos evitar tanto a aversão à tecnologia (o sonho de regressão tecnofóbico) quanto sua vocação salvacionista (acreditar que a corrida tecnológica atual pode nos salvar), na busca de pensar tecnologias outras.

## O livro

A obra *Tecnodiversidade* está dividida em sete capítulos, antecedida por dois prefácios: um escrito pelo próprio autor<sup>4</sup>, e outro assinado por Ronaldo Lemos, cientista-chefe do ITS e que participou da agenda de Hui quando ele veio ao Brasil.

Nos três primeiros capítulos, vemos a possibilidade de *fragmentar o futuro*, a partir de uma crítica à noção de tecnologia própria do ocidente europeu – crítica retomada no sétimo e último capítulo, para avaliar a presente crise encadeada pela pandemia do coronavírus.

---

<sup>4</sup> É possível ler a íntegra do prefácio no sítio *Outras Palavras*, que o publicou em parceria editorial com a Ubu. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/conhecer-yuk-hui-filosofo-da-tecnodiversidade/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

No intermédio – os capítulos quatro, cinco e seis – vemos investigações filosóficas de Yuk Hui, que apresentam a potência da questão da tecnologia para além de sua esfera habitual da inovação industrial ou computacional: para campos como a arte, a ecologia e a maneira como pensamos inteligência – e, assim, nossa educação enquanto humanos.

O Capítulo 1, “Cosmotécnica como cosmopolítica”, apresenta o problema da cosmotécnica, recuperando para o debate o cosmopolitismo kantiano, numa didática filosófica de tese/antítese, na qual podemos compreender o debate em que ele se insere e depois as críticas que faz a ele. Ao mostrar o momento moderno de simultâneo “encantamento e desencantamento da natureza” (HUI, 2020a, p. 29), o autor se conecta às discussões da “virada epistemológica”, sustentando a insuficiência da noção de cosmologia para dar conta do Antropoceno. Daí que insere o conceito de *cosmotécnica*, utilizando sua investigação da relação 道/器(dào/qì<sup>5</sup>) na genealogia intelectual chinesa.

No capítulo 2, “Sobre a consciência infeliz dos neorreacionários”, o autor se debruça sobre o discurso emergente de ideólogos reacionários que propõem uma guinada tecnológica rumo à aceleração do processo moderno – numa expressão de “consciência infeliz” no sentido hegeliano (HUI, 2020a, p. 50 e 51).

Esse é o caminho pelo qual ele também tece suas críticas ao Iluminismo, chamando atenção para as contradições próprias desse processo, que apresenta os perigos de uma episteme única, não apenas como epistemologia, mas como forma de vida (HUI, 2020, p. 67). Nesse capítulo, somos apresentados a importantes distinções que Hui faz entre “aceleração”, “singularização”, “modernidade” e “modernização”, que serão recuperadas pelo autor nos capítulos seguintes.

O Capítulo 3, “O que vem depois do Iluminismo”, continua o trabalho do antecedente, agora delineando o Iluminismo como um processo de orientação do mundo que colocava o ocidente europeu como centro de referência e ponto de dispersão da universalização. Sua crítica parte de uma análise da constituição de um “eixo de tempo global” (HUI, 2020a, p. 80), que quer mostrar como a história do Iluminismo também não é tão simples e maquiavélica como algumas

---

<sup>5</sup>Há um erro na página 43 da versão brasileira, quando, ao invés de grafarem 器, foi gravado 氣, logo após “gráfica”, primeira palavra da página 43.

críticas pós-coloniais gostariam. O conceito de tecnodiversidade é aqui mobilizado como uma possibilidade de reorientação do trajeto da aceleração, na saída de “uma modernidade sem fim” (HUI, 2020a, p. 94).

No Capítulo 4, “Máquina e ecologia”, o autor quer investigar uma possível *ecologia das máquinas*, retomando algumas questões de sua tese de doutoramento e de sua última monografia. É um capítulo importante para compreensão mais profunda do debate filosófico em que Hui se insere. Aqui, o autor retoma as críticas de Heidegger à noção de Natureza enquanto *Gestell*, cerne da noção moderna de Tecnologia, relacionando-a com autores com Gilbert Simondon e André Leroi-Gourhan.

Quando chegamos ao capítulo 5, “Variedades da experiência de arte”, somos apresentados a uma discussão acerca da experiência sensível e como ela se relaciona com modos de conhecimento – um experimento da noção de cosmotécnica iniciado pela análise do estilo de pintura Shan-Shui (山水). Aqui, Hui coloca uma reflexão pós-europeia sobre a arte, na crítica ao hilemorfismo tomado com universal, para investigar “formas de acesso à verdade” entre o tragismo e o taoísmo. Ao retomar formulações de filósofos chineses, que vão dos taoístas primevos aos neoconfucionistas, e acionando pensadores contemporâneos ao encontro colonial com europeus, Yuk Hui desafia o leitor. Caso esse não tenha contato prévio com a filosofia chinesa, o autor mostra a importância de se atentar aos caracteres (isto é, as palavras chinesas), como conceitos operados não só na experiência intelectual, mas na experiência artística.

Os caminhos traçados no Capítulo 5 abrem espaço para o Capítulo 6, “Sobre os limites da inteligência artificial”, no qual a investigação filosófica da noção de inteligência é posta a partir das cosmotécnicas. Aqui, o autor retoma a discussão da cibernética e da inteligência artificial, acionando os argumentos de Mou Tsung-San sobre o Kant, para explicitar a noção de inteligência própria da tradição filosófica chinesa – que integra e distingue sutilmente confucionismo, taoísmo e budismo em síntese. Nas conclusões, Hui aponta no que o conceito de cosmotécnica se afasta da “virada ontológica”, num chamamento à tecnodiversidade, como reconstrução de histórias técnicas que foram eclipsadas pela história única de Tecnologia do ocidente, e à experimentação nas artes e tecnologias para o futuro.

O Capítulo 7, “Cem anos de crise”, fecha o livro com uma consideração sobre o que pode a filosofia num momento como a pandemia do coronavírus, relacionando a situação atual como ponta da aceleração da qual falara nos capítulos iniciais. Aqui, Yuk Hui aponta os limites tanto do tragismo e do taoísmo em oferecer respostas satisfatórias para a crise, apostando numa “solidariedade concreta”, que permita construir outros futuros fora do horizonte de crise em que vivemos.

O livro que chega ao público brasileiro é, então, um movimento por entre as questões de pesquisa que Yuk Hui tem trabalhado, desafiando o leitor a abandonar dicotomias generalizantes entre oriente e ocidente ou, talvez, tomá-las como geradoras de perguntas úteis. Tendo em sua formação lido obras clássicas em chinês antigo, Hui aponta para a particularidade do pensamento chinês em sua conceituação, interessado em como a localidade pode nos informar sobre os modos de conhecimento. Dito dessa forma, pode parecer ao leitor que Hui esteja essencializando o local – caindo assim no risco ‘culturalizante’ de reduzir a multiplicidade a uma disputa por visões de mundo culturalmente situadas. Nada mais distante: a apropriação de Hui da tradição europeia, ao lado de sua profunda investigação da tradição chinesa, lhe permite operar criticamente em caminhos cujo rendimento ainda poderemos acompanhar e descobrir.

Dessa forma, o livro é múltiplo em suas formas de entrada e saída: alguns podem se sentir atraídos pelas questões entre tecnologia e sociedade, outras pelo debate que se dá na antropologia da técnica ou estudos da ciência, e ainda é possível acessar a obra de Hui como uma exploração contemporânea da filosofia chinesa antiga. Talvez aí, resida e pertinência desse livro para o Brasil hoje: pensar modos de conhecimento é pensar sobre múltiplas formas de fazer a vida possível, o que nos remete urgentemente ao debate contemporâneo de educação, tomada tanto em termos de formação humana, quanto de habilitação profissional e aprendizagem – que são, em si, processos técnicos.

Pensando com Hui, uma educação para um futuro deveria assumir seu caráter *cosmoético*, criando caminhos para o desenvolvimento de uma noção múltipla de modos de conhecimento e tecnologia, que possa operar numa subjetivação multiplicadora da diferença como respeito à vida.

Como pesquisador no campo da antropologia e educação, investigando as artes marciais chinesas, a obra de Yuk Hui me parece recolocar a filosofia chinesa no campo dos debates contemporâneos de relevância imediata – para além dos batidos interesses curiosísticos pelo ‘misticismo oriental’ ou a tola ideia de que a nação chinesa prescindiu de sua história intelectual para a empreitada civilizatória que está em curso.

Ao contrário, é apenas voltando à genealogia intelectual e política chinesa, que podemos compreendê-la – e isso inclui não apenas a história antiga, mas a recepção das ideias europeias, a efervescência do início do século XX, as características das formas de produzir pensamento que operam na língua chinesa. Quanto a isso, uma nota negativa: apesar do excelente trabalho gráfico da edição da Ubu, alguns erros simples se apresentam: como falei na nota de rodapé 4, há erro de escrita de caracteres chineses e falta de consistência na transliteração, essa provavelmente advinda das fontes originais do texto<sup>6</sup>.

Embora seja enorme o desafio de traduzir um autor poliglota como Hui, que escreve em diferentes formas do chinês (como cantonês e mandarim), esses erros reforçam, ainda que de forma implícita, o péssimo hábito ocidentalista de desconsiderar a língua chinesa como operador de pensamento. De toda forma, quem sabe a publicação da Ubu permita revigorar o mercado editorial brasileiro para a filosofia chinesa, que conta com obras fundamentais traduzidas para português, mas que há anos não encontram reedição: como a *História do pensamento chinês*, de Anne Cheng, ou compilação do *Livro das mutações (I Ching)* de Alayde Mutzenbecher. Enquanto isso, podemos estudar a obra de Yuk Hui, para que tenhamos nossa própria conversa e crítica, na busca (ou construção) das várias cosmotécnicas de nossa terra.

---

<sup>6</sup>O autor ora usa uma forma simplificada da fonética do cantonês (como na página 42/43), ora usa o 拼音 *pīnyīn* do mandarim simplificado (como página 185). Seria possível uma revisão que unificasse a edição, que poderia ser feita em obras futuras.

### Referências bibliográficas

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HUI, Yuk. **A tecnodiversidade implica em pensar divergências no seio do desenvolvimento tecnológico**. Entrevista com Yuk Hui. 2020b Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602272-a-tecnodiversidade-implica-pensar-divergencias-no-seio-do-desenvolvimento-tecnologico-entrevista-co%E2%80%A6>. Acesso em 14 jun. 2021.